

Amanhã, o Teatro Baltazar Dias volta a abrir portas ao saber madeirense, pelas vozes de Carla Lopes e Rita Gonçalves

'Conferências' evocam Maria Aurora

Edição de julho aborda o feminino na escrita de Maria Aurora e o 'Perfil genético dos madeirenses'.

CONHECER PARA LEMBRAR

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Esta quinta-feira, as portas do Teatro Municipal Baltazar Dias voltam a abrir-se para mais uma sessão das Conferências do Teatro - Madeira de A a Z, trazendo, desta feita, a evocação de uma das principais figuras da cultura regional, Maria Aurora Carvalho Homem, por Carla Costela Lopes, e uma abordagem ao 'Perfil genético dos madeirenses', a cargo de Rita Gonçalves.

Recorde-se que as Conferências do Teatro, realizadas mensalmente desde janeiro do ano passado, são fruto de uma parceria entre a Câmara do Funchal, o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, a Cátedra Infante Dom Henrique para Estudos Insulares e a Agência de Promoção de Cultura Atlântica, e comprometem-se a partilhar com o público os

textos que tecem a narrativa do Grande Dicionário Enciclopédico da Madeira, "considerado por muitos o Novo Elucidário Madeirense para o século XXI", conforme nota a organização.

Amanhã à tarde, emergem, assim, mais duas grandes temáticas deste acervo histórico-literário. Sobre o 'Perfil genético dos madeirenses', afirma Rita Gonçalves que "muitas são as ferramentas disponíveis para desvendar a história de uma população, a sua origem remota, as migrações, as incorporações de povos de diferentes origens, bem como as miscigenações que ocorreram ao longo dos tempos." A oradora salienta que, sendo algumas dessas ferramentas "facilmente inteligíveis, como os documentos históricos, sejam eles textos ou inscrições em pedra, que podem explicar a história de um povo, embora só o consigam fazer na sua limitada janela do tempo em que ocorreram os factos, quando se começa a estudar uma população na sua pré-história recorre-se a outras ferramentas como a



FOTO: ROBERTO RAMOS

Sessão tem início marcado para às 18h00. A entrada é livre.

arqueologia, a paleontologia e até a linguística." Neste processo, há, segundo Rita Gonçalves, uma questão que se impõe: "como entender a diversidade de um povo quando não existem ferramentas válidas e acessíveis ao investigador?" Vinca, explicando que "durante o século passado, os geneticistas começaram a ter a percepção de que muita da diversidade visível entre e dentro das populações humanas se devia ao seu património genético herdado, o qual variava geograficamente." Esta e outras questões serão abor-

dadas pela investigadora, que, nesta edição do evento, divide a cena com Carla Costela Lopes, que lembrará a ténpera e a escrita de Maria Aurora Carvalho Homem, numa intervenção que se inclinará, essencialmente, sobre a condição e representação femininas e a arte de contar.

"Na contística de Maria Aurora Carvalho Homem, 'A Santa do Calhau' (1992), 'Para Ouvir Albinoni' (1995; 2003) e 'Leila' (2005) impõe-se com naturalidade uma constante temática centrada nas experiências

quotidianas do feminino. Considerando a relevância do contributo da literatura para a compreensão da condição da mulher e do seu papel na sociedade, procuramos explorar as representações do feminino na produção ficcional da autora", adianta Carla Costela Lopes.

Dois conferências com entrada livre, que prometem levar o público numa viagem intensa por dentro da memória coletiva madeirense. A partir das 18h00, no Baltazar Dias.